

	PALAVRA VIVA Comunhão, Identidade e Maturidade
	A ÚLTIMA VIAGEM DE JACÓ¹ Cura pela Palavra de Deus para as perdas e o luto²

TEXTO BÍBLICO: Gênesis 48.1-50.21

Já faz muito tempo que esta história aconteceu. No entanto suas lições permanecem vivas e atuais, como se os fatos tivessem ocorrido hoje ou, talvez, na semana passada.

Quero contar-lhe tudo o que aconteceu por dois motivos. O primeiro motivo é mostrar como Deus fortalece seus servos ao atravessarem o vale da sombra da morte; como Ele é fiel e nos conforta na hora do pesar. O segundo motivo é falar dos diferentes momentos pelos quais uma pessoa passa durante o processo do luto. Dessa forma, alguém que tenha perdido um ente querido saberá que outros já experimentaram o mesmo e entendem como se sente. Ele poderá identificar-se com muito do que será dito nas linhas que se seguem. Saberá que, também para ele, a vitória está reservada, em nome do Senhor. Vamos progressivamente imergir no texto, ouvindo as memórias de José, filho de Jacó, buscando sentido, significado e valor para sua vida.

I – A NOTÍCIA QUE CHEGA E TRÁS O VENTO GELADO DA TRISTEZA

Eu recebi a notícia no meio de um dia de trabalho, quando despachava com alguns funcionários de Faraó em seu palácio. Anunciaram que um mensageiro acabara de chegar, trazendo um recado para o governador geral. Ordenei que o conduzissem à minha presença. O homem entrou e inclinou-se numa longa reverência. Perguntei-lhe o que tinha a me dizer. Ele falou: *“Meu senhor, teus irmãos mandam informar-te que teu pai está enfermo (Gn 48.1).”*

Encerrei imediatamente a reunião e fui até meu carro. Disse ao cocheiro que me levasse rapidamente para casa. *Eu precisava ver meu pai, mas não queria ir desacompanhado de meus filhos. Eu sabia que aquela seria a última vez que o veria com vida.*

Ele já estava bastante idoso. Tinha cento e trinta anos quando chegou ao Egito e foi morar com meus irmãos na terra de Gósen. Sua saúde, naquela época, já estava abalada. Não só pela idade, mas pela vida atribulada que levava. Ele estava frequentemente enfermo. Contudo a mensagem enviada por meus irmãos não deixava dúvidas em meu coração. Dessa vez ele não se recuperaria da doença. Jacó estava morrendo.

Acho que *nunca estamos totalmente preparados para a morte*; mesmo a de um idoso, ou de alguém que vem sofrendo de uma doença prolongada. Sofremos até quando já não esperamos que a pessoa sobreviva. *A morte sempre nos desconcerta.* Talvez porque, no começo de tudo, o Senhor não tenha criado o homem para morrer. Isso só aconteceu porque ele pecou contra Deus. A morte não é uma coisa natural. Ela é uma intrusa. Quando uma pessoa a quem amamos parte para a eternidade, nós sempre sofremos com a sua partida.

¹ Esta reflexão foi elaborada pelo Pr. Marcelo Aguiar, pastor batista, escritor e conferencista, servindo ao Senhor na Igreja Batista em Mata da Praia, Vitória, Espírito Santo.

² Este capítulo foi inspirado no texto de Gênesis 48 a 50, e no depoimento de diversas pessoas que passaram pela experiência de perder alguém querido.

Eu me lembro da primeira vez que passei pela experiência de perder alguém querido. Tinha doze anos. Minha mãe, Raquel, morreu ao dar à luz ao meu irmão, Benjamim, enquanto viajávamos para Belém. *Sua morte foi rápida e inesperada. Ela era uma mulher maravilhosa. Muito bonita, carinhosa, jovem e saudável. Nem eu nem meu pai havíamos tido tempo de nos preparar, de nos acostumar com a ideia. Nós a amávamos muito, e o sofrimento foi terrível. Os anos seguintes foram os mais tristes da minha vida. Parecia que um pedaço de mim fora arrancado. Eu sentia um grande e doloroso vazio dentro do peito. Na boca havia um gosto amargo. Alguma coisa me comprimia a garganta.*

Não foi fácil superar a morte de minha mãe. Foi difícil conviver com meus agressivos meios-irmãos e vencer aquela sensação de abandono. *Às vezes me pegava ressentido com ela. Culpava-a por partir deixando-me tão só. Sabia que aquilo não tinha lógica, mas era o que eu sentia.*

Só experimentei um certo alento depois que tive um sonho. Eu vi o sol, a lua e onze estrelas se inclinando diante de mim. Meu pai interpretou o sonho corretamente. Ele disse: *“Acaso viremos, eu e tua mãe, e teus irmãos, a inclinar-nos perante ti em terra?” (Gn 37.10).* Então eu percebi que, no sonho, Deus colocaria minha mãe na companhia de meu pai e de meus irmãos, que estavam vivos. Naquele instante me convenci de que ela realmente estava viva, na presença do Senhor. Conscientizei-me de que Deus era Deus de vivos, e não de mortos. O meu espírito, a partir daquele dia, tranquilizou-se.

Todas essas lembranças voltaram à minha mente enquanto o carro conduzia-nos à terra de Gósen. Eu estava novamente prestes a perder uma pessoa amada. Dessa vez não seria um falecimento inesperado, é verdade. Jacó era um homem idoso.

Ele já estava acamado havia algum tempo. Eu e meus irmãos tivemos a oportunidade de preparar-nos. *Entretanto estaríamos mesmos prontos? Será que alguém está preparado para a morte? A separação se torna mais fácil quando já é esperada? O que é mais doloroso: receber a notícia de que alguém que amamos está morrendo, ou a notícia de que ele já morreu?*

II – A DOLOROSA DESPEDIDA E A LUTA PARA NÃO PERDER AS MEMÓRIAS

Nós chegamos à casa de meu pai à tardinha. A chama de alguns candeeiros oscilava ao sabor da brisa. Todos os meus irmãos, acompanhados da família, aguardavam por mim do lado de fora. Eles estavam muito tristes. Algumas mulheres e crianças choravam.

Desci do carro seguindo por meus dois filhos. Benjamim, meu irmão mais novo, veio receber-me com um beijo e um forte abraço. Ele me disse: “José estamos todos aqui para despedir-nos de nosso pai, mas ele determinou que você fosse o primeiro a entrar no quarto”. Disse que desejava que tivessem alguns momentos a sós.

Entrei na casa tomada pela penumbra, e cheguei ao quarto. Jacó, num último esforço, assentara-se no leito, recostado a algumas almofadas para apoiar sua frágil coluna. Mesmo agora suas compridas barbas brancas conferiam-lhe um ar de dignidade. Precisaram dizer-lhe que era eu quem chegara, pois estava praticamente cego.

Inclinei-me em terra diante de meu pai. Depois, acheguei-me a ele, e o beijei. Ele tomou o meu rosto entre as mãos e esboçou um sorriso. Em seguida, perguntou-me: Quem são estes que estão contigo? Olhei para os meninos, que estavam ao meu lado, e respondi: “São meus filhos, Manassés e Efraim, que Deus me deu aqui no Egito. Seus olhos se encheram de lágrimas. Ele me disse: *“Acreditei que tivesse morrido. Eu não cuidava ver o teu rosto. E eis que Deus me fez ver não só a ti, mas a teus filhos também (Gn 48.11).*

Meu pai tomou-os nos braços e os abençoou, colocando o menor diante do maior. Depois, conversou um pouco comigo. Falou sobre suas experiências com Deus, da morte de minha mãe e do futuro dos meus descendentes. Foram momentos muito preciosos para mim. Estou certo de que foram importantes para ele também.

Em seguida, ordenou que todos os meus irmãos fossem introduzidos no quarto. Manassés e Efraim saíram, e eles entraram. A atmosfera era de muita solenidade. Israel nos disse que iria nos revelar o que nos aconteceria nos dias vindouros. Sua bênção foi longa, cheia de profecias, e belíssima. Deu um símbolo a cada um de nós e às tribos que de nós se originariam. Quando chegou a minha vez, emocionei-me profundamente. Ele disse:

²² José é um ramo frutífero, ramo frutífero junto à fonte; seus galhos se estendem sobre o muro. ²³ Os flecheiros lhe dão amargura, atiram contra ele e o aborrecem. ²⁴ O seu arco, porém, permanece firme, e os seus braços são feitos ativos pelas mãos do Poderoso de Jacó, sim, pelo Pastor e pela Pedra de Israel, ²⁵ pelo Deus de teu pai, o qual te ajudará, e pelo Todo-Poderoso, o qual te abençoará com bênçãos dos altos céus, com bênçãos das profundezas, com bênçãos dos seios e da madre. ²⁶ As bênçãos de teu pai excederão as bênçãos de meus pais até ao cimo dos montes eternos; estejam elas sobre a cabeça de José e sobre o alto da cabeça do que foi distinguido entre seus irmãos. (Gn 49.22-26).

Após abençoar a todos nós, dando a cada um a bênção que lhe cabia, Jacó nos fez prometer que o sepultaríamos junto a seus pais, na caverna do campo de Macpela, nas montanhas de Hebrom, em Canaã. Ali ficava o sepulcro da família. Nesse instante ele recolheu os pés na cama e expirou. Foi então reunido ao seu povo.

Sou eternamente grato a Deus por haver permitido que todos estivéssemos ao lado de nosso pai quando ele faleceu. Se há uma hora em que a presença da família é indispensável, é a da morte. Um moribundo jamais deve ser abandonado pelos parentes. Morrer é uma experiência muito solitária. Meu pai teve os filhos ao seu lado, amando-os até o fim. Nós o acompanhamos até a porta da eternidade. Nos reunimos para guardar suas memórias e viver inspirados por elas. Atrás dessa porta estava Deus, aguardando para levá-lo ao céu e à companhia de Abraão, de Isaque e de minha mãe.

III – O VELÓRIO EM MEIO ÀS MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

Quando meu pai deu seu último suspiro, eu me lancei sobre o seu rosto, chorei sobre ele e o beijei. Foi um choro muito intenso e sofrido. Cada soluço sacudia fortemente meu corpo. As pessoas que estavam fora da casa ouviram-me e compreenderam que Jacó morreria.

Sempre fui emotivo. Quando meus irmãos me venderam como escravo, chorei, implorando que me libertassem. Anos mais tarde, ao revelar-lhes minha identidade, meu pranto foi tão forte que os egípcios o escutaram pelos corredores do palácio. Nunca tive medo ou vergonha de chorar. Gosto de expressar meus sentimentos, de externar minha tristeza. Há quem diga que um servo de Deus não deve prantear, nem mesmo quando perde um parente. Nunca acreditei nisso. Derramei lágrimas no dia em que Israel morreu e nos que se seguiram. Alguns de meus irmãos fizeram o mesmo, mas não todos. Eu não os julgo. Cada pessoa tem uma forma própria de lidar com as emoções. Cada homem expressa sua tristeza de um jeito. Não devemos legislar sobre os sentimentos alheios nem lhes dizer como se comportar em um velório. Precisamos proporcionar-lhes um ambiente de carinho e acolhimento, no qual sintam que, seja qual for sua reação, serão aceitos e amados, e não estarão sozinhos em sua dor.

Permaneci atordoado por alguns momentos, acariciando o rosto do meu pai. A primeira coisa que sentimos, quando um ente querido morre, é um grande choque. Em seguida vem uma sensação de incredulidade, como se aquilo não estivesse realmente acontecendo, com se fosse apenas um sonho do qual despertaremos. Depois vem um certo entorpecimento. Sentimo-nos anestesiados, tudo à nossa volta parece muito distante de nós. Penso que sejam reações naturais do organismo diante de um forte impacto emocional. Acho que eu tinha de passar por todos esses estágios, e de fato passei.

Contudo havia providências práticas a serem tomadas. Alguém precisava chamar os embalsamadores, comunicar o falecimento aos parentes e amigos, cuidar do sepultamento, e assim por diante. Por isso, acabei por levantar-me da cabeceira de Jacó, deixando a casa. Mandeí chamar meus médicos para prepararem o corpo. Enviei também um mensageiro a Faraó lhe pedindo permissão para viajar até Canaã, onde meu pai escolhera ser enterrado.

Os egípcios sabem embalsamar corpos muito bem. Desenvolveram uma técnica insuperável para isso. Eles preparam múmias que atravessam os séculos depositadas em sarcófagos e pirâmides. O corpo de Jacó precisaria de um tratamento semelhante, pois a viagem até o sepulcro duraria várias semanas. Os médicos fizeram um excelente trabalho. Todo o processo de embalsamamento levou quarenta dias. Faraó decretou luto oficial no país por setenta dias. Foi uma grande homenagem que prestaram ao meu pai, pois, no Egito, um luto tão prolongado só é reservado aos chefes de Estado.

O carinho demonstrado pelos egípcios, a presença da minha esposa e dos meus filhos, o apoio dos irmãos, a visita dos amigos... tudo isso foi muito importante para que eu conseguisse superar a dor dos primeiros dias de luto. Algumas pessoas se aproximavam de mim e simplesmente não sabiam o que dizer. Não tinham como me consolar. Então apenas me abraçavam, diziam que estavam ali comigo, e que podia contar com elas. Isso era tudo o que eu precisava ouvir. Mais do que palavras, necessitava de companhia. Queria sentir que não estava só. Esses amados irmãos e amigos talvez não imaginem o bem que me fez sua simples presença ao meu lado.

IV – O LONGO E DOLOROSO CORTEJO

Setenta dias depois do falecimento de Israel, subimos a Canaã para sepultá-lo. O cortejo foi grandíssimo. Fomos eu, Azenate e nossos filhos, meus irmãos com a família, todos os oficiais de Faraó, os principais da sua casa e todos os homens importantes do reino. Muitos decidiram fazer o percurso a pé. Outros acompanharam-nos em carros ou montados a cavalo. O percurso era longo, mas todos fizeram questão de participar. O corpo de meu pai foi transportado em um ataúde, colocado sobre um carro puxado por dois bois.

Deixamos a terra de Gósen ao amanhecer e seguimos para o leste, rumo a Hebrom. Logo nas primeiras horas da manhã já havíamos entrado no deserto de Sur, que domina a parte da Península do Sinai. Após atravessá-lo, precisaríamos ainda subir pelo deserto do Neguebe até atingir, finalmente, a região montanhosa de Canaã. A maior parte da viagem, portanto, seria feita através do deserto.

Sempre achei a região desértica muito bonita. Mesmo com o coração ferido, encantava-me o reflexo do sol sobre as dunas distantes, o ruído do vento, o azul extraordinário do céu. Às vezes nos aproximávamos da costa, então ouvíamos o som dos pássaros e das ondas quebrando na areia. Existe algo de imponente, de majestoso no deserto. A gente

se sente pequeno diante de tanta amplidão. Mas, ao mesmo tempo, sua grandeza nos transmite serenidade.

À primeira vista, quando se está em um deserto, ele parece morto, estéril e implacável. Não vemos animais nem plantas, e imaginamos que nada sobreviveria ali. Contudo, se prestarmos atenção, depois de algum tempo começaremos a perceber que ele abriga muitas formas de vida: Cactos, arbustos, insetos, aves e até grandes animais, como antílopes e os dromedários. São criaturas que desenvolveram uma capacidade de resistência incrível e que não trocariam aquele lugar por nenhum outro. Há homens também, como os beduínos e os tuaregues, que habitam a imensidão dos desertos e são muito felizes ali.

O cortejo fúnebre passou por uma caravana de midianitas, que vinha na direção oposta, trazendo bálsamo e especiarias para o Egito. Lembrei-me de que, muitos anos atrás, eu atravessei este mesmo deserto sendo levado por um grupo de mercadores como aquele. Os mercadores que me compraram como escravo ataram minhas mãos e amarraram-me a um dos camelos. Eles arrastaram-me desde Dotã até Mênfis, onde fui vendido a um oficial chamado Potifar. Recordei-me de que, mesmo naqueles dias tão terríveis, achava o deserto belo e sentira nele a presença de Deus.

Tanto tempo se passou! E ali estava eu, no mesmo deserto, atingido mais uma vez pela tristeza e pela dor. Entretanto aprendi algo com minha viagem anterior: as tristezas são passageiras. Deus está ao nosso lado nos momentos mais difíceis. Ele nos consola e nos dá força para caminhar. Opera sobre as circunstâncias ao nosso redor, transforma a derrota em vitória, o pranto em regozijo. Deus usa o tempo para sarar nossa tristeza.

Um dia eu cruzei o deserto de Sur com os olhos rasos d'água, reduzido à escravidão. O Senhor, porém, elevou-me à condição de governador geral do Egito. Então meu pai, que passou a vida toda viajando, que conheceu tantos lugares – Berseba, Betel, Harã, Gileade, Maanaim, Peniel, Siquém, Hebrom, desceu ao Egito, para encontrar-se comigo e viver seus últimos anos. Agora, levávamos seu corpo de volta à terra prometida. Iria, enfim descansar no sepulcro de seus pais. Essa é a última viagem de Jacó. Os meus olhos estavam, mais uma vez, cheios de lágrimas. Mas eu tinha a certeza de que, assim como Deus as havia secado no passado, haveria de enxugá-las no futuro, pois seu amor e sua fidelidade não tinham mudado e jamais mudaria.

V – O DOLOROSO E EMOCIONANTE ENTERRO

Chegamos a Canaã, onde eu e meus irmãos cumprimos nossos últimos deveres para com nosso pai. Em Hebrom, paramos junto à eira de Atade. Dedicamos mais uma semana ao luto. Durante todos aqueles dias, eu chorei por ele. Achava que, depois de pranteá-lo por tanto tempo no Egito, a fonte de minhas lágrimas havia secado. Mas ela parecia inesgotável. Eu, que chorara no velório, voltei a fazê-lo no sepultamento. Os outros também choraram. Os moradores da terra, os cananeus, vendo o luto na eira de Atade, disseram: *“Grande pranto é este dos egípcios”*. (Gn 50.11). Por isso, chamaram aquele lugar de Abelmizraim, que significa “pranto do Egito”.

Eu e meus irmãos tiramos o ataúde de cima do carro de bois e o conduzimos à sepultura. Houve instantes em nossa vida em que estivemos bastante afastados. Agora, porém, estávamos juntos em torno do corpo do nosso pai, da mesma forma como Ismael e Isaque se uniram para sepultar Abraão, e Esaú e Jacó se uniram para sepultar Isaque. Um enterro é uma ocasião na qual a família precisa estar unida. Não é hora de ataques nem cobranças. As diferenças são reveladas e superadas, e o amor comum pelo ente querido fala mais alto. Muitas reconciliações acontecem na sofrida hora do luto. Isso é

bom. Imagino que a pessoa que faleceu gostaria de saber que sua morte contribuiu para a reaproximação dos familiares. Essa é uma das bênçãos que pode advir de um momento de dor.

O último desejo de Jacó foi cumprido. Seu corpo foi sepultado na caverna do campo de Macpela, em frente aos carvalhais de Manre. Abraão comprara a caverna, junto com o campo ao redor, de Efrom, o heteu, por posse de sepultura. Ele, meu avô e meu pai viveram como nômades, peregrinos em terra estrangeira. Aquele era o único lugar de Canaã que pertencia ao povo de Israel. No entanto, chegaria o dia em que toda a terra seria nossa e de nossos filhos. Deus certamente visitaria nossos descendentes e os faria subir do Egito para a terra que prometera dar a Abraão, Isaque e Jacó.

Depois que colocamos o corpo no interior da caverna, rolamos uma grande pedra, selando sua entrada. Pessoas queridas disseram algumas belas palavras, e a cerimônia se encerrou.

Não é um momento fácil aquele no qual devolvemos o pó ao pó, aquele no qual baixamos o corpo de uma pessoa querida à terra. Parece que é a hora em que todas as ilusões se dissipam e a realidade da separação, que é definitiva até o fim da vida, se impõe ao coração dos enlutados. Neste instante, o que nos conforta é saber que a morte não é um “adeus”, mas um “até logo”, e que reencontraremos o nosso amado na eternidade, graças a Deus e à Sua preciosa salvação.

Todos choramos e apoiamos uns aos outros na nossa dor. Os amigos que nos seguiram até o túmulo também mostraram, mais uma vez, sua lealdade e seu amor conosco. Um enterro nunca será uma ocasião fácil. No entanto, se formos acompanhados por gente que nos ama, e se formos confortados por pessoas que conhecem a palavra de Deus e suas promessas, ele será, sem dúvida, uma ocasião menos difícil.

VI – O VAZIO DOS DIAS SEGUINTES

Depois que voltamos para o Egito, tentamos todos retomar o curso normal de nossas atividades. Afinal, a vida continua, isso é um fato. Quanto mais cedo o admitirmos, melhor será.

Como governador geral de meu país, eu tinha coisas importantes para fazer. Isso ajudou-me a ocupar meus pensamentos nas semanas que se seguiram. Além disso, vez por outra, uma pessoa querida ia à minha casa ou ao trabalho para visitar-me, levar uma palavra de conforto ou simplesmente escutar. Estou convicto de que esse acompanhamento ao enlutado depois do enterro é fundamental para que ele possa retomar o gosto pela vida e seguir em frente com mais esperança.

Os dias seguintes foram de adaptação. Havia instantes em que me sentia bem, confortado e forte. Mas depois a saudade retornava, trazendo consigo a dor. Pequenas coisas que lembravam meu pai faziam brotar uma multidão de lembranças. Sonhava com ele e chegava a escutar sua voz. Tive meus altos e baixos. Num dia, estava conformado com sua morte, porém no outro, ressentia-me de que ele não permanecera comigo um pouco mais. Em alguns momentos, sentia-me bem na companhia das pessoas, mas em outros, queria ficar sozinho. Atravessei horas de depressão. Foi só com o tempo que minha vida e meus sentimentos foram voltando ao normal. Aprendi que o pesar é um processo, não uma condição. Nós passamos por diferentes fases e, às vezes, retrocedemos às etapas pelas quais já passáramos. É preciso saber que tudo isso é normal e passageiro. Ter gente amiga ao nosso lado ajuda muito. Não ficar sentindo pena de nós mesmos, também.

A pessoa que morreu já cumpriu sua missão neste mundo. Contudo os que ficaram vivos ainda não. Deus espera que, olhando para frente, honremos a memória daqueles que, se foram. Seu exemplo e sua lembrança devem nos inspirar, não nos paralisar. Eles podem permanecer vivos em nossos corações. A recordação deles nos dará a força de que precisamos para prosseguir.

Eu descobri que *um sentimento que está fortemente associado à morte é a sensação de culpa*. De alguma forma, a pessoa que perde um parente ou amigo logo descobre que pensamentos envolvendo culpa e remorso passam a frequentar sua mente. Essas reflexões podem ser de diversos tipos, ora acusando-nos, ora culpando os que estão ao nosso redor.

É muito comum, por exemplo, pensar na pessoa que morreu e dizer:

“Sinto-me culpado por não ter feito mais por ele. Há tanta coisa que deixei de lhe falar! Será que, se o tivesse tratado de outra forma, ele não estaria ainda aqui?”.

“Devo ter feito algo muito errado. Sinto que Deus está me castigando. A morte dele veio como uma punição para mim. Fui o responsável!”.

“Deus não podia ter feito isso comigo! Não consigo perdoá-lo. Ele responde aos pedidos de tanta gente. Por que não atendeu aos meus?”.

“Ele não podia me deixar. Por que foi fazer isso comigo? Por que partiu assim de repente? Como vou viver agora, sozinho no mundo?”.

“A minha família foi negligente. Os parentes não o trataram como deveriam. Eu os culpo pela sua morte”.

“Onde foi que eu errei?”.

Na maior parte das vezes esses pensamentos e sensações não tem fundamentos. Mesmo assim, podem nos torturar bastante. Em particular, estavam afligindo meus irmãos a tal ponto que, finalmente, eles vieram me procurar.

Depois que regressaram do enterro, de volta à casa deles em Gosén, começaram a dizer uns aos outros: *“Jacó, nosso pai, é morto. É o caso de José nos perseguir e nos retribuir certamente o mal todo que lhe fizemos”*. (Gn 50.15).

A culpa ardia no coração deles. A morte de meu pai trouxera todo o remorso à superfície. Estavam cheios de medo. Então mandaram mensageiros até o palácio para dizer-lhe: *“Teu pai mandou, antes da sua morte, que te disséssemos: Perdoa a transgressão de teus irmãos e o seu pecado, porque te fizeram mal. Agora, pois, rogamos que perdoes o erro dos servos do Deus de teu pai”*. (Gn 50.17).

Quando escutei essas palavras, emocionei-me profundamente, e comecei a chorar.

Oh, essa fonte de lágrimas, que nunca seca!

Eu chorei porque a fala dos mensageiros me fez lembrar de meu pai e de momentos sofridos de minha vida. Mas, acima de tudo, porque percebi que meus irmãos não acreditaram na sinceridade de meu perdão. Eu já os desculpara quando vieram para o Egito. Já lhes dissera isso! Contudo agora ficava claro que eles não se convenceram. Acharam que eu estivera apenas poupar Jacó de dissabores. Definitivamente eles não me conheciam. Estavam se revolvendo em culpa desnecessariamente. Desejavam o meu perdão, mas eles já o possuíam havia anos.

Não é isso que acontece tantas vezes? Recebemos o perdão de Deus e não nos sentimos perdoados. Continuamos a nos culpar e a nos penitenciar sem motivos. Permitimos que o remorso e o medo se apequem ao nosso coração.

Eu ainda chorava quando eles entraram no recinto. Prostraram-se diante de mim e disseram: *“Eis-nos aqui por teus servos” (Gn 50.18).*

Então enxuguei as lágrimas e respondi:

“Não temais; acaso estou eu no lugar de Deus? Vós, na verdade, intentaste o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida. Não temais, pois; eu vos sustentarei a vós outros e a vossos filhos” (Gn 50.19-20).

Assim eu falei ao coração deles, e os consolei, porque, na verdade, estavam extremamente tristes. Nós nos abraçamos e nos beijamos e choramos mais uma vez. Acredito que, se ainda havia alguma barreira entre mim e meus irmãos, naquele dia, ela foi definitivamente derrubada. Dessa forma nós ficamos livres do peso do ressentimento, do medo e do remorso.

Superar a dor da perda pode ser um longo e difícil processo. É preciso que nos apropriemos do perdão de Deus. É necessário que deixemos de fazer cobranças, de procurar culpados e de nos perguntar como tudo poderia ser diferente. Isso se chama aceitação. Normalmente não se chega a esse estágio sem muita luta e choro. Mas quando o alcançamos, conseguimos deixar o passado doloroso para trás, reconhecemos que o processo do luto chegou ao seu final e somos tomados de uma maravilhosa paz.

Há quem diga que o tempo sara as feridas. Eu acho que não é bem assim. Penso que o tempo as modifica. Ele não faz com que a dor da perda desapareça. Ele faz com que a dor se transforme numa dor diferente. O desespero, a angústia, a culpa e o sofrimento dão lugar à gratidão, à saudade e a uma certa nostalgia. Passamos a valorizar mais o tempo em que tivemos a pessoa amada ao nosso lado do que o fato de ela não estar conosco agora. Seguimos adiante, colhendo novos amores e novas vitórias no caminho. Contudo o lugar que ela ocupava em nosso coração continuará sempre a lhe pertencer.

Não devemos usar a morte da pessoa querida como uma desculpa para fugirmos da vida. Aprendi isso através da experiência da perda de meu pai. Ele foi um homem corajoso, lutador, que nunca desistiu dos seus sonhos. Não posso ser menos do que isso. Também tenho meus sonhos e aprendi com Israel que, com a ajuda de Deus, eles podem se realizar. Preciso ensinar isso aos meus filhos. Não posso desistir de viver nem de sonhar.

Eu pensei que aquela jornada do Egito até Canaã, na qual conduzimos o esquife de meu pai pelas areias do deserto, fosse a última viagem de Jacó. Estava errado. A jornada derradeira de um servo de Deus não é aquela na qual seu corpo é baixado à sepultura. Sua última viagem acontece quando ele fecha os olhos na terra para novamente abri-los, de forma imediata, na presença do Senhor.

Agora eu sei que meu pai fez essa viagem e eu também a farei. Espero, como ele, estar pronto quando este momento chegar. Para isso, sei que preciso fazer duas coisas. A primeira é andar com Deus, agora, como espero andar com Ele, um dia, pelas ruas do Céu e nas ruas da Nova Jerusalém. A segunda é valorizar a vida, amar minha família, meu povo, minhas lutas, minhas vitórias; amar a vida. Porque a vida é um dom divino. E só quem está pronto para viver pode estar preparado para morrer.